

A CABEÇA DE QUEM FAZ A CABEÇA

Luiz Alberto Weber
Da equipe do Correio

CABEÇA É UMA NACIONALIZAÇÃO DO TERMO ELITE. INDICA UM GRUPO COM OS MESMOS PODERES DE INFLUÊNCIA DESTA — MAS COM UMA DIFERENÇA: NÃO É COMPOSTA POR GÊNIOS DA RAÇA, MAS POR DÍNAMOS SOCIAIS E CULTURAIS. GENTE COM FORÇA DE GRAVIDADE PARA ATRAIR PESSOAS PARA UM MESMO PROJETO, VISÃO DE MUNDO, COMPORTAMENTO OU ATIVIDADE. O CORREIO BRAZILIENSE APRESENTA AQUI O PERFIL DE 13 FORMADORES DE OPINIÃO DE BRASÍLIA. UMA LISTA COM CABEÇAS FORMADORES DE HÁBITOS CULTURAIS E MENTALIDADES.

EUDORO DE SOUZA

A origem das idéias

Brasília é uma idéia construída sobre uma geografia quase vazia. A primeira idéia viva na cidade surgiu com a chegada do filósofo português Eudoro de Souza, em 1962.

O filósofo inaugurou o rigor do pensamento na capital. Primeiro morador da Colina — conjunto de blocos destinados aos professores da Universidade de Brasília (UnB) —, Eudoro foi responsável pela criação do Centro de Estudos Clássicos da universidade: um departamento eclético o bastante para conter egíptólogos, filósofos e historiadores pensando juntos.

Chamou gente de fora e preparou uma das primeiras listas com nomes de alguns futuros professores da universidade.

"Naquele centro nasceu o pensamento da universidade", diz o professor Fernando Bastos, aluno do filósofo na década 60 e estudioso da obra de Eudoro. Em 1969, o centro foi fechado pelo regime militar. Houve um êxodo de intelectuais. Há quase dez anos, morreu Eudoro.

O apartamento 216 do bloco D ficou vazio. Mas a UnB ganhou seu primeiro arquétipo intelectual. "Quatro gerações de professores se formaram amparados pelo vigor das idéias de Eudoro", diz Bastos.

LUIZ MENDONÇA

Poesia e movimento

O movimento toma formas inusitadas e a geometria se esgota sem descrevê-los. As quatro bailarinas do grupo Endança exibem no palco músculos adormecidos.

Deu no *New York Times*: "Um pequeno milagre de paixão e movimento vindo do Brasil". O demiurgo organizador desses corpos é o coreógrafo Luiz Mendonça, 44 anos.

Um carioca que veio para Brasília em 1980 para dar cursos de postura

para modelos e que acabou criando o primeiro Núcleo de Dança Contemporânea da capital.

"Meus bailarinos treinam caminhando dentro de rio e escalam penhascos para que tenham um arsenal de informações físicas variado", explica. A estréia do Endança ocorreu no Teatro da Praça, em Taguatinga. Assistiram ao espetáculo cinco pessoas (quatro convidados e um pagante).

De lá para cá, Mendonça tornou o Endança um dos principais grupos do mundo e formou em Brasília cerca de 15 importantes bailarinos contemporâneos.

RALF GEHRE

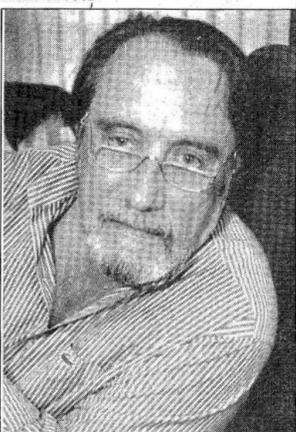
Sim a utopia

Um NÃO em letras azuis tatuado no braço esquerdo não combina com o pintor Ralf Gehre. Afinal, ele sempre disse sim à arte — à própria e à dos outros.

Aos 34 anos de Brasília e 43 de idade, Gehre é um pintor que se descobriu artista cedo mas que só afirmou sua condição quando estava no último ano do curso de arquitetura da Universidade de Brasília.

"A arte é uma atividade viável que vale a aposta de ser tentada desde o início", diz Gehre.

Por quase dez anos (até 1988), Gehre manteve um ateliê-escola por quase oito anos no Setor Comercial Sul. "Passaram por mim mais de 100 artistas plásticos", lembra.



Humberto Haydt defende o uso médico da palavra

RAIMUNDO PACCÓ



Dono de uma filmoteca com mais de 1500 títulos, José Damata inventou a paixão pelo cinema na cidade

Até hoje ele é consultado por jovens pintores que pedem uma avaliação de suas telas. Tocam a campainha da casa-ateliê de Gehre, na W3 Sul, e mostram seus trabalhos imaginando-o um juiz de talentos. "Analisou o trabalho e se o jovem tem talento, recomendo muito trabalho e paixão", conta.

HUMBERTO HAYDT

A bela imperfeição

Ele literalmente faz a cabeça. O psicanalista Humberto Haydt, 57 anos, colocou quase mil pessoas no divã nos últimos 27 anos. Uma agenda eletrônica de 64 kbytes, repleta de nomes, indica o número provável de pacientes.

Na biblioteca de sua casa, três livros sobre Doutor Fausto, de Goethe, parecem sugerir que Haydt também fez seus pactos.

Aluno da primeira turma de Medicina da Universidade de Brasília (UnB), formada em 1970, ele é um médico atípico.

"O médico tem três instrumentos de exercício da profissão: a faca, a erva e a palavra. Escolhi a palavra", diz Haydt, que começou clinicando na garagem de sua casa, na W3 Sul.

Integrante da Sociedade Psicanalítica de Brasília entre 69 e 82, foi expulso depois de formar 15 psicanalistas. "Me consideraram um louco", brinca. Saiu dali para fundar o Colégio Freudiano de Psicanálise.

"O mérito do ser humano é ser imperfeito", afirma. Nos últimos 14 anos, formou sua própria escola de psicanálise, com um universo de 80 seguidores.

"Não aprovo a psicanálise que se aproveita da fraqueza para indicar

um caminho. Todos tem que se encontrar na estrada", conclui.

MAURO DUTRA

Duas vocações

O capitalismo tem suas contradições internas — homens de negócios também. O empresário Mauro Dutra, 45 anos, possui duas vocações aparentemente opostas: ganhar dinheiro e lutar pela erradicação da fome no Brasil.

Dono da Novadata — empresa que vende 18 mil computadores por anos e fatura US\$ 40 milhões —, Dutra é, também, presidente e criador da Ágora, a primeira Organização Não Governamental (ONG) do país

especializada em segurança alimentar. "É anti-ético passar fome num país produtor de alimentos", opina.

O pensamento social de Dutra ganhou uma expressão prática e contaminou outros empresários quando ele foi vice-presidente da Federação da Indústria de Brasília (Fibra).

Ali, coordenou o programa *Nossa Sopa*, que aglutinou mais de 100 empresários na distribuição gratuita de 30 mil sopas por dia para populações carentes.

"Meu principal argumento era demonstrar aos empresários que o valor da doação não ultrapassava o valor de um jantar por mês no Piantella", lembra. Cada sopa saía por R\$ 0,10.

Engenheiro formado pela Universidade de Brasília (UnB), Dutra levanta a sério suas atividades de combate à fome que há quatro anos ganhou o Prêmio Cidadania — o mesmo concedido pelo Ministério da Justiça ao sociólogo Betinho e ao grupo Olo-dum. Com esse currículo social, foi convidado para integrar o governo do PT no Distrito Federal. Recusou.

A Novadata também é uma empresa modelo. Foi a primeira da Capital Federal a obter o ISO 9001 — atestado internacional de qualidade de desenvolvimento, produção e gerenciamento de produtos.

JOSÉ DAMATA

Cinema Paradiso

Ele inventou o prazer de uma geração. Há mais de 20 anos o baiano José Carvalho Damata, 43 anos, projeta os sonhos da cidade.

O músico Renato Russo, do Legião Urbana, disse numa entrevista: "Damata me ensinou a amar o cinema". Não foi uma aula particular. Damata ensinou o cinema a quase todos os cinéfilos de Brasília.

Responsável há 14 anos pela programação do cinema da Cultura Inglesa, Damata é o homem por detrás das principais exhibições de filmes de diretores italianos, franceses e alemães.

"Passei raridades aqui em Brasília que nunca foram exibidas em poucas salas do país", diz ele, referindo-se, por exemplo, a *La Strada*, do italiano Federico Fellini.

Damata é responsável pelo Cinema Voador (a exibição de filmes fora das salas de cinema) que teve no ano passado um público de cerca de 140 mil pessoas distribuídos por 90 sessões.

"Essas são exhibições que ajudam a diminuir as diferenças culturais entre o Plano Piloto e as outras cidades do Distrito Federal", conta ele.

Cinema e Damata confundem-se numa mesma película. "Não gosto de mais nada na vida a não ser de filmes", exagera.

A filmoteca particular dele é capaz de segurar uma programação semanal de filmes pelos próximos de três anos. "Tenho 1.500 filmes em película de 35 milímetros".

PIPO E WELDER

Pedagogia anárquica

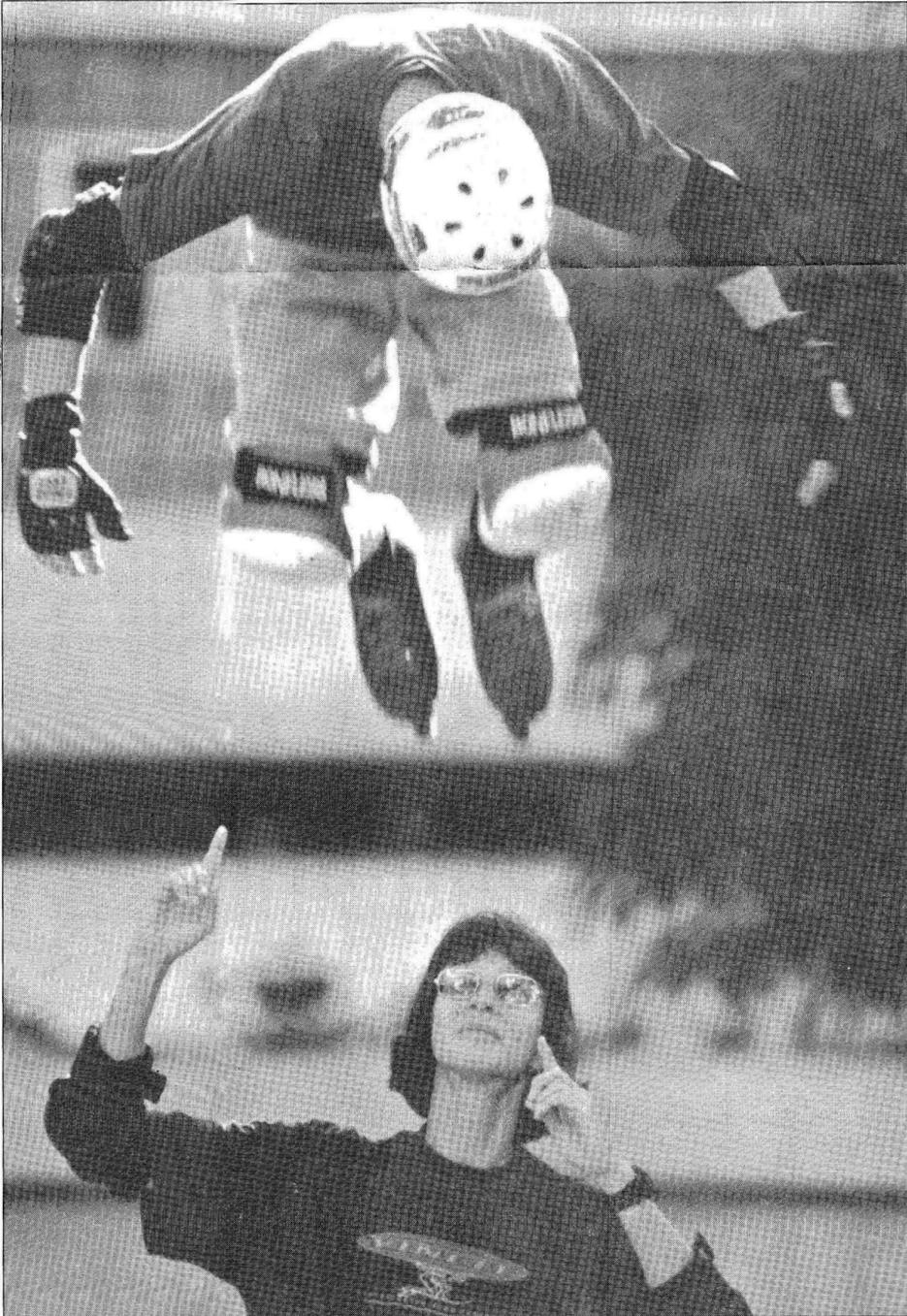
O teatro começa no público. E a dupla *dois-em-um* Pipo e Welder possui a maior força de gravidade teatral da cidade.

RAIMUNDO PACCO



Ari Pára-raios faz um teatro fora do teatro. O grupo Esquadrão da Vida encontra o público encenando em todas as quadras do Plano Piloto um Shakespeare movido a acrobacias

LUÍS TAIES



Arcanjo Ramirez, campeão brasileiro sênior, voa e executa um salto mortal sobre a cabeça de Tuca Reichert

No ano passado, os dois levaram cerca de 20 mil pessoas ao teatro. Mais de 15 mil eram estudantes. Gente que até pouco tempo usava camisas com estampas debochadas como "Vá ao teatro mas não me convide".

A peça *Sexo*, que estreou este ano, em apenas seis fins de semana atraiu um público de quase seis mil pessoas.

Atores permanentes do grupo *A Culpa é da Mãe*, Pipo e Welder são uma espécie de pedagogos escrachados do hábito cultural de ir ao teatro.

"Ensinamos as pessoas a gostarem da linguagem. Ninguém da minha geração chegou aos filmes de Fellini sem ter passado pelas comédias das matinês", afirma Welder, 26 anos.

O ator Pipo e Welder nasceram como público. Há dez anos eles eram apenas frequentadores do Jogo de Cena — série de espetáculos teatrais —, na escola Parque. Tanto participaram que foram convidados como apresentadores.

"O que a gente faz no palco é o que nós gostaríamos de assistir como público", conta Pipo, 23 anos.

A influência deles sobre o espectador é tão intensa que um dos mais recentes integrantes do grupo, Victor Leal, estudante de Administração da UnB que nunca havia sequer pensado em ser ator, mudou de idéia ao assisti-los dezenas de vezes. "A platéia de hoje será o espetáculo de amanhã", diz

Welder. "O ator não existe sem o público que ajudamos a formar", opina Pipo.

ELYVIO BLOWER

Sorry, Lago Sul

Cerca de 20 mil jovens das satélites traçam todos os fins de semana — muitas vezes em chão de ter-

batida — passos de dança. São embalados por um som sintético que nasce nos aparelhos de masterização (um gravador de CDs virgem) do DJ Elyvio Blower, 33 anos. "Tudo que rola nas satélites passa antes pela minha mesa de som", diz ele.

Ex-estudante de engenharia elétrica da Universidade de Brasília (UnB), Blower é o primeiro DJ da capital a fazer um som para cada local.

"O que o pessoal ouve em Taguatinga muitas vezes não é o que o pessoal de Planaltina quer dançar", explica. "Hoje se faz som para cada rua".

"Eu crio música para a galera, não para o povo bonito do Lago Sul", diz Blower, que levou mais de 100 mil pessoas a bailes no ano passado.

Blower montou também a primeira linha de montagem de operadores de sons sintéticos ao criar uma escola, em Taguatinga, de formação de DJs. "Quase 250 DJs passaram por mim", orgulha-se.

TUCA REICHERT

Compasso radical

As quatro rodas enfileiradas se descolam do chão e desenham um círculo no ar. Esse é o instantâneo de um salto mortal em patins. O compasso da volta é traçado por Cecília Maria Reichert Suplício, a Tuca, 41 anos. Um nome que significa radicalidade e velocidade para uma legião de quase 500 garotos da capital.

Quatro campeões brasileiros — das seis categorias existentes — são seus alunos. Formada em manobras radicais em Los Angeles, Estados Unidos, Tuca é quem inventa as manobras dos street-rollers espalhados pela cidade. "Quem patina na cidade me ama ou me odeia. Mas quem quer ser bom me segue", diz ela.

Carioca, chegou a cidade em 1960. Foi skatista até 1975. Abandonou a prancha para dedicar-se ao ensino da patinação.

LEANDRO MACEDO

Anti-herói

O herói iconoclasta. Leandro Macedo, 28 anos, corre 10 quilômetros, nada 1500 metros e pedala 40 quilômetros todos os dias para ser um campeão.

Assim, Macedo atingiu o primeiro lugar no ranking brasileiro de triatlon, em 1988, para nunca mais sair.

Em 91, Leandro ganhou o circuito mundial. Ano passado, levou o Pan-Americano. Os títulos trouxeram os fãs e atletas muito jovens motivados pelas vitórias de Leandro.

Hoje, há quase 500 triatletas na cidade. São de Brasília os campeões brasileiros de nove, 12 e 15 anos.

"Sou contra o triatlon como atividade infantil porque as crianças não devem ser sobrecarregadas por movimentos específicos", confessa.

ARI PÁRA-RAIOS

Tempestade nas ruas

Ari Pára-raios é um choque cultural. Ator e diretor, ele comanda uma trupe de 22 artistas que percorrem as quadras da cidade encenando Shakespeare.

"Tento abrir alternativas de teatro fora do teatro, à domicílio, na rua, em repartições públicas", explica. "Montei Romeu e Julieta em todas as quadras do Plano Piloto", conta.

Ari, 56 anos, não vive apenas uma atividade artística. Vive uma visão de mundo que mistura arte, ecologia e direitos humanos num grupo chamado *Esquadrão da Vida*.

O grupo é quase uma seita. Cerca de 500 atores já trabalharam em suas peças e mais de 4 mil fizeram oficina de teatro com o Esquadrão em 17 anos de atividade.

"Faço espetáculos que possam ser consumidos no tempo de hoje e que encantem pela mensagem", revela. "Não quero prender apenas o público, mas suas mentalidades".

Globe-trotter, Ari foi um dos promotores nacionais do Fórum Global de Organizações Não Governamentais (ONG), no Rio, em 1992.

Paranaense, desembarcou na capital há 22 anos. É a cara falante da capital que recita poemas em latim no filme *Idade da Terra*, de Glauber Rocha.

RAIMUNDO PACCO



O som de Elyvio Blower invade as satélites

CONCEIÇÃO PINHEIRO

A derrota do clichê

Nunca alguém coincidiu tanto com um clichê e ao mesmo tempo se afastou da idéia que este representa como a socialite Conceição Pinheiro, 53 anos, e 15 de Brasília. Ela é uma locomotiva — mas não de festas e chazinhos de dondocas.

Mulher do empresário da área de transportes José Pinheiro — dono do grupo Real, que tem mais de 10 mil veículos —, Conceição é vice-presidenta da Federação das Mulheres de Negócios e Profissionais do Brasil.

Só na capital ela já conseguiu nos últimos dois anos que mais de 100 mulheres se associassem. "Em tudo que entro mobilizo a sociedade", diz. Conceição já foi presidenta do Proarte — uma instituição filantrópica de apoio à cultura.

"Não tenho tempo de frequentar a sociedade", diz ela que também faz parte do conselho da Cruz Vermelha, da Ação Social do Planalto e de Pequenas Empresas. "Sou uma socialite-engajada", define.

Conceição está organizando o 4º Seminário Internacional Latino-Americano de presidentas de Federações Nacionais de Mulheres de Negócios e Profissionais. "A mulher tem que lutar por uma inserção qualificada no mercado globalizado", proclama.

JOSÉ GERALDO

O achado do Direito

O Direito começa a tirar a toga. Distante dos tribunais, o advogado José Geraldo de Souza Júnior, 49 anos, é a câmara de combustão de uma nova ordem jurídica que tem origem em Brasília: o *Direito Achado na Rua*.

Uma forma de fazer justiça que não se resume a interpretar letras mortas de códigos, mas que leva em consideração a realidade política e social em suas decisões.

"Estamos formando um tipo de jurista que participa da transformação da sociedade e que não se contenta mais em ser um observador distante dos acontecimentos sociais", explica José Geraldo, que mudou-se para Brasília em 1971 e foi aluno do jurista Roberto Lyra Filho.

É uma justiça que se espalha. A secretária de Cidadania do Ministério da Justiça, Alayde Sant'anna, por exemplo, e muitos juízes do Tribunal Regional Federal (TRF) começam a tomar decisões baseados no *Direito Achado na Rua*.

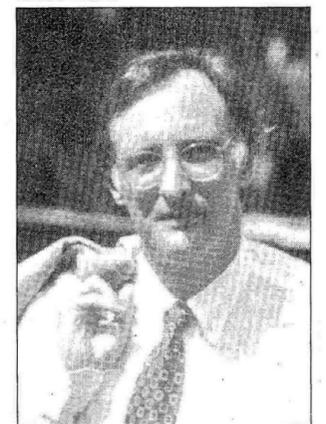
A fixação de parte dos moradores da invasão da Telebrasil, por exemplo, é uma decisão judicial baseada nessa nova forma de interpretar a lei.

"A posse da terra não pode depender apenas de contratos de compra e venda", avalia José Geraldo, coordenador do curso de pós-graduação em Direito da Universidade de Brasília (UnB).

"A Justiça tem que incorporar preocupações sociais para diminuir as tensões na sociedade", diz o advogado.

Hoje, as principais universidades do país adotam a bibliografia básica do direito de Brasília. "Cidades como Porto Alegre e São Paulo já possuem juízes que estão resolvendo os conflitos sociais e questões de direitos humanos baseados nessa nova doutrina", explica ele.

CLAUDIO VERSIANE



O advogado José Geraldo quer um direito pelo social